

Folha de S. Paulo

7/4/2002

HISTÓRIA

Podão, outrora usado como marco dos movimentos grevistas de 1984, se transformou em instrumento de violência

Símbolo de bóia-fria, podão vira arma de crime

Marcelo Toledo

Da Folha Ribeirão

Outrora símbolo da luta dos bóias-frias por melhores condições de trabalho, o podão se transformou nos últimos anos, principalmente após a queda de vagas no setor registrada nos anos 90, em arma principal de crimes em pequenas cidades da região de Ribeirão Preto.

A situação mais crítica e registrada em Pontal, onde 8 dos 12 homicídios do ano passado foram praticados com podões. Mas os instrumentos de trabalho também já causaram assassinatos em Dobrada — onde a polícia estuda proibir o uso do equipamento — e em Guariba.

Ocorrências envolvendo o podão, como brigas, por exemplo, são registradas quase que semanalmente durante a safra, que deve começar até a próxima semana em todas as usinas.

O podão ganhou simbologia especial nos movimentos grevistas de bóias-frias deflagrados a partir de Guariba; em 1984, e espalhados por várias cidades do país.

O objeto, instrumento peculiar da região canavieira de Ribeirão Preto, tornou-se um equivalente da simbologia da foice e do martelo nos regimes comunistas.

Por causa do grande número de ocorrências envolvendo o equipamento em Pontal — de quatro a cinco lesões por semana, além dos homicídios —, uma portaria do delegado Hildon Pimenta de Pádua proibiu que os podões fossem guardados nas residências dos bóias-frias. Na prática, eles não podem mais portar o objeto. "Os crimes sumiram depois da portaria. Nós registramos apenas um caso em dois meses, mas, como a safra começou apenas em uma usina, ainda é cedo para dizer se vai dar certo ou não. Pode ser coincidência, mas tudo indica que tem dado certo", disse o delegado de Pontal.

Para especialistas, a atitude da polícia de Pontal é um preconceito contra os bóias-frias. "Isso só revela o que essas pessoas (os trabalhadores rurais) significam para as outras. O podão é uma ferramenta de trabalho e não significa que, tendo um em casa, ele vai se transformar em uma arma. Quem quer matar, faz isso até com uma caneta. É preconceito", afirmou a docente da Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Araraquara Maria Aparecida de Moraes Silva, que pesquisa os bóias-frias da região.

Em Dobrada, onde a polícia tem um programa de desarmamento, o delegado João Andreotti também estuda a proibição.

(Folha Campinas)